



A SENTINELA

Quinhamento Humorístico e Literário

DIRECTOR E EDITOR,
Artur Fernandes de Freitas

ADMINISTRADOR,
Alberto Pimenta Machado

SECRETARIO DA REDACÇÃO — *A. Faria.*

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A Sentinela»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de Camões, 55 ☿ Typ. Minerva Vimaranesense

COMPOSTO E IMPRESSO NA

I ANO Guimarães 24 de Dezembro de 1916 NUMERO 7

A BATOTA

Vocelencias leram um artigo referente ao jogo, publicado em o ultimo numero do *Vimaranesense*?

Não leram, não?!

Pois foi pena, acreditem!

E' realmente um bello e esplendido artigo, no qual o seu auctor cae a fundo na batota e nos batoteiros.

Aquillo é que se chama cascar sem dó, nem piedade!

E promete continuar e fallar mais pelo claro, se os batoteiros não tomarem emmenda.

Emmenda?!... Tem graça!...

Vocelencia não está bom d'essa cabecinha!

Tanto faz berrar e barafustar como coisa nenhuma, caro collega!

Emmenda!... Ora adeus, adeus!...

E' pregar no deserto, creia!

Os batoteiros continuam e continuarão sempre a formar o gallo, exercendo assim impunemente a sua honrosa e honesta profissão!

E' gatinha que tem cara para

tudo; não receia as auctoridades, nem tão pouco se importa com o que dizem as gazetas.

Esta é que é a verdade!

E, senão, é vel os por ahi feitos *lords*, todos anchos, todos sorridentes, ostentando descarrada e atrevidamente custosos aneis de brilhantes e valiosas moedas a servirem de berloques nas grossas correntes do relógio!

E' vel-os, caro collega!

E' vel-os entrar nos restaurantes, a pedirem, em voz grossa, do bom e do melhor: vitela, lampreia, polvo e rodvalho; do branco e do de Gatão; café da Brasileira, cognac e *chartreux* e no fim da moina um *xárufo* de tostão!

Chartreux!

Os rôtos, os peneiras, a beberem bebidas finas!...

E os pobres pontos, os patos os lorpas, os que lh'o vão levar ali ao monte, a beberem *geribita* e zurrapa peor do que agua-pé!

E charutos!...

Pois está claro!... Arrota pelintra e faz-te *lord!*...

Emquanto o *pégo*... pegar e as auctoridades não se resolverem, d'uma vez para sempre, a fazer-lhes montaria, como se faz aos lobos, toca a flunar e a atacar bem o ôdre!

Força, papantes!

Papantes e tratantes!...

E como elles andam chics!... Todos catitas!... Todos lirós!... Até parecem alguém que vem d'algures!...

Pudera!

O *trabalhinho* rende... sabem baralhar... percebem da *manobra*... Teem vista de lynce e traçam o baralho enquanto o diabo esfrega um olho!...

Ai, não!

São banqueiros do banco... da Falperra!...

Mas olhem, vocês, se a cafila encavaca com estas verdades?!

Issò encavacam elles!... Olha quem!... São caras duras, como dizem os brasileiros.

O melhor calçado é o da Sapataria Elegante

Conferia-se e faz-se por medida

Passeio da Independencia—Guimarães

Sociedade de M. L. P.

Nem sequer se poem vermelhos!...

Sempre com a mesma cara patibular, macilenta, amarella; sempre com a côr do... remorso estampada na desavergonhada careta!

Que safados!

Olhem, olhem, elles a rirem-se!...

Parece que se aproximam?!...

Toca a apertar o casaco e a pôr a pistola á mão de semear.

Bem se fiam elles no que a seu respeito dizem os periodicos.

Tretas... cantigas... lerias de jornaes...

E é isto!

Continuam a puchar o rabo á sota, e a fazer saltos á barriga do valete, sem receio que as auctoridades os levem á gloria, acertando-lhes um bom mico á cabeça!

Mas, dirão vossas excellencias, o que faz a nossa policia?!

Ah! ah! ah!

A nossa policia! Tem graça! Essa pergunta tem chiste! Tem mesmo um piadão, palavra d'honra!...

A nossa pulucia, excelentissimos senhores e carissimos municipes, a nossa pulucia faz que anda, mas não anda...

Só gira!

Gira no fim da quinzena receber os cobres.

O'larila!

Mas é preciso, é forçoso, urge que a batota acabe em Guimarães!

Urge, urge; mas enquanto urge... o batoteiro muge...

Que se jogue uma vez por outra, uma vez pelos caretas, pelas *Festas Gualterianas*, por exemplo, em que uma pessoa, para animar a festa e para ver se appella... para uma farpela, vac ao Café, ou a qualquer andar nobre, fazer um alforge e cravar uma gança no 17 e outra no 29; apanhar um maço de cigarros e uma cerveja de borla, depois de ter levado de cara uma porção de carambolins a seguir, ainda vá que não vá; mas agora todos os dias, todas

as noites, constantemente a força armada, isso não pode ser! E' demais! E' demais e não pode, nem deve consentir se!

O que é para admirar, é que se continue a jogar, estando no governo os snrs. drs.: Antonio José d'Almeida e Affonso Costa, que são, como toda a gente sabe, dois inimigos figadaes do jogo!

Sim, é realmente para extranhar que haja batota em Guimarães, estando a exercer o logar de administrador do concelho o snr. Mariano da Rocha Felgueiras, que, segundo nós afirmam, e nós acreditamos, também embirra solemnemente com o maldicto jogo de azar!

Quem está na administração é o Mariano? Então, espera, eu já o arranjo.

Ahi vae cantiga:

Senhor Rocha Felgueiras,
Voltamos uma vez mais:
Não permita, não consinta
A batota em Guimarães!

Dê-lhes lambada p'ra baixo,
Dê-lhes sem medo nenhum;
Como deram os aliados
Na defesa de Verdun!

Força, snr. Mariano! Carregue-lhes! Não os poupe!... Mande fechar immediatamente essas infamissimas espeluncas, essas sinistras cavernas, onde o humilde operario vae, por amavel convite, largar os magros dinheiros que recebe no fim da semana!

Evite, snr. administrador, que dezenas de creancinhas chorem com fome e venham a morrer á mingua de pão!

Dê-lhes, ex.^{mo} snr., nesses miseraveis, que se agarram ao dinheiro dos desgraçados como as hyenas á carne morta!

Esperamos que s. ex.^a faça reprimir esse terrivel vicio e felicitamos o *Vimaranense*, pela humanitaria campanha tão brilhantemente encetada.

Ao snr. administrador, pois, as nossas supplicas, e ao nosso presado collega, a cujo lado orgulhosamente enfileiramos, os

nossos sinceros parabens, os nossos entusiasticos applausos!

Aqui, a seu lado!

Aqui, firmissimos como verdadeira *Sentinella*, a bradar bem alto para que em toda a parte se oiça:

Abaixo o jogô!

Abaixo a batota!

ABAIXO A FALPERRA!

Da minha quinzena...

Logo, á noite, deve haver
Muita ceia desejada:
Grelas, couves e batatas,
Tremenda bacalhoadal!

Bacalhau com cebolario
Muito bem cozinhadinho,
Com batatas adornando-o,
Tudo d'aspecto lourinho.

E tambem polvo emsopado,
Bem partido, aos bocadinhos;
E p'ra ceia ser selecta,
Uma grosa de bolinhos.

P'ra abundante sobremesa,
Além dos pinhões e figos,
Rabanadas e aletria,
Leite creme e os formigos.

Vinho bom, verde e maduro
Não faltarã, com franquesã;
Embora o beba a assistencia,
Bebe a toalha da mēsa...

Antes da ceia está limpa
A toalha de alvo linho;
Mas no fim, co'a alegria,
Ei-la manchada de vinho.

Noite de brilho p'ra uns,
Para outros é sem luz;
Tanto rico e tanto pobre,
—Que *igualdade*, Jesus!

*
Portugal é um estado
De varias opiniões;
Por causa da tal *gamela*,
Fazem-se revoluções!

Por qualquer coisa o paiz
Sofre um horrivel abalo;
Apetece até dançar
Com semelhante regalo!

São bombas por toda a parte,
Causando enormes destroços;
Stilhaços, mais estilhaços
Que nos aleijam os ossos.

As senhoras devem trajar de preferença os vestidos «Genero Tailleur». São os mais elegantes, os que ficam sempre mais bonitos, e sobretudo muito mais economicos. O «Alfaiate» val a casa tirar medidas e levar os figurinos. — Azevedo—Tailleur da Avenida—GUIMARÃES.

E' o Machado dos Santos
A tentar dar machadadas
Nas instituições vigentes
Que não ficam derrubadas.

E' o Pimenta de Castro
Com a sua pimenteira;
Veio o 14 de Maio
Que lhe deu na tabaqueira.

Tambem o 5 de Outubro,
E o 27 d'Abri!;
O num'ro vai engrossando,
Qualquer dia chega a mill!

Portugal das caravelas!
Portugal dos galeões!
Portugal dos *gameleiros!*
Pais das revoluções!

Se Portugal foi rico,
Actualmente está pobre;
Retiram-lhe a boa nota
E açambarcam-lhe o seu cobre!

Quem quizer uma corôa
Toda trocada em vintens,
Pode correr a cidade,
Não ha cobre em Guimarães!

Quem precisar dum tostão
Trocado em cinco vintens,
Não ha cobre no commercio,
Pois fugiu de Guimarães!

De maneira que o commercio
Sofre uma perda tamanha
Por causa duns comedores,
Duns vis açambarcadores
Que o enviam p'ra Espanha!

ZÉ NINGUEM.

Mas o que ha?!...

Em virtude dos ultimos acontecimentos, foram suspensos *sine die* os nossos presados colegas locais «Commercio de Guimarães» e «Echos de Guimarães». Protestamos energeticamente.

Agradecimento

Aos nossos estimados colegas «Commercio de Guimarães» e «Vimaranense» e aos illustres correspondentes d'esta cidade para o «Primeiro de Janeiro», «Liberdade» e «Echos do Minho», agradecemos as amáveis referencias que fizeram ao nosso ultimo numero, dedicado á santa memoria do grande poeta Dr. Bráulio Caldas.

QUATRO COISAS

Theatro D. Affonso Henriques

Segunda-feira, 18 de Dezembro
Magnifico programma
Beneficio de Joaquim P. P.
O fitas! — fitas O!

Assistimos. Correram no panno branco, debruado de annuncios, dramas e comedias. O tercetto, como sempre, repetiu as peças do costume.

Para a afinação do violoncelo, o piano e violino tiveram de calar-se um momento, porque a chideira das cravelhas perras desafinavam do tom melodio da peça a executar.

Corria a terceira parte do «Delirio D'amor».

E tanto era um delirio d'amor, que um impaciente espectador, quando no panno branco uma carta se projectou, disse com desespero e contrariedade, em voz tremula de deliquio:—*siga a fita.*

Estava desesperado.

Depois o senhor Policarpo recitou como soube, o Melro.

A seguir, desenrolou-se a setima fita.

A oitava e nona, foram substituidas por uma fita esplendida, ao natural.

Accenderam-se as luzes. No panno branco, o foco projectou-se, luminoso, forte, indeciso.

Tudo serenou.

Acabou-se—gritaram.

Qual o quê — responderam — faltam duas fitas.

O senhor Nunes, aparece então no palco, as lunetas na ponta do nariz, tirou o barrete de pala, curvou-se reverente, e explicou:

Por ordem de senhor administrador, o espectáculo terminou.

E o silencio continuou, tudo se levantou, sem protestos, sem zangas, o espectáculo terminou, e tudo desandou pela porta fóra, pacatamente, ordeiramente, como carneiros submissos, obedecendo a quem mandou.

Nós tambem obedecemos, e podem socegar que não protestamos, visto que tal ordem, como medida preventiva, tem o seu valor patriotico.

Sobre os ultimos acontecimentos, «O de Aveiro» depois de atirar uma traulitada severa nos baixos calosos dos monarchicos, —zabumba retesado onde quem quer rufa sem mais nem p'ra quê, —por os julgar conniventes no movimento revolucionario, diz, com aquella empafia e decisão d'um velho general reformado:

Dé o governo o exemplo da dignidade, da honestidade e da energia...

Ora arreguile, menino, e em logar de pedir coisas de tamanho folego, trate de pedir coisinhas de somenos.

Pedir a algo aquilo que não pode dar, é tollice.

Coisas de somenos...

O «Dia», «Liberal», «Nação», «Ridiculos», «Lucta», e os colegas Vimaranenses «Echos» e «Commercio», em nome da segurança, da ordem, e do governo da Republica, foram suspensos temporariamente.

Como medida preventiva, é de alto alcance.

O' s'é.

Não que se a igrejinha se alaga...

Aos vinte annos, a mulher
Sonha princepes, milhões...
Aos trinta, adeus illusões,
Serve lhe um homem qualquer.

Ninguem duvida: és sympathica,
E's a elegancia das salas...
Mas quando escreves ou falas,
Coitadinha da grammatica.

(Da G. da F.)

Na "Milaneza,"

Que noite frigidissima a dêsse sábado!

Os freguezes, embrulhados nos

Camisolas e ceroulas, meias, ligas e suspensorios

O mais completo sortido

CASA ELEGANTE

seus capotes de agasalho, tiritavam com frio.

O *mestre*, com a sua inseparável *corisca* a brincar-lhe ao canto da bôca, barbeava um freguez, recitando-lhe a *Judia*.

O Julio fazia a mesma operação ao Snr. Praxedes, pedindo-lhe incessantemente que lhe emprestasse uma caixa de musica agora para o Natal.

O Snr.... Francisquinho (em virtude de estar presente um dos nossos redactores, que êle julga ser o relator destas crônicas) trabalhava muito calado, não levantando os seus olhos bréjeiros da cara do cliente.

Soaram 10 horas no sino da Oliveira

O *mestre* olhou para o seu bello relógio de parede, torceu o nariz, pediu licença ao freguez e, subindo ao lavatório, fez recuar o teimoso ponteiro, que se adiantára quasi um minuto.

Seguindo com a vista as graciosas espirais que descrevia no ar o fumo do meu *Kenttuky*, eu revoltava-me contra o mutismo feroz de todos os circunstantes e ouvia, lá fóra, o pregoar insistente dos vareiros.

Até nós, vindos do alto da torre da Basilica, chegavam os pios sinistros das corujas, que faziam empalidecer as já descoradas faces do pobre *mestre* barbeiro.

De quando em vez, ouvia-se a voz do Julio, imitando o pedir daquele pobre cego que nós vemos sempre á porta de S. Domingos:

—Pelo amor de Deus, Snr. Praxedes, empreste-me a sua caixinha de musica...

E mais nada!

Nem uma discussão entre freguezes; nem uma calinada, das tão habituais no *mestre*; nem um destes episódios, tão frequentes nestes rendez-vous... de sábado á noite, que me fornecesse assunto para entreter os dois leitores destas crônicas—o censor e o tipógrafo.

—Está o Natal á porta, aventei a mêdo.

—E' verdade, exclamou o *mestre*; e no emtanto o bacalhau está pela hora da morte; as batatas valem o seu pezo em ouro; os ovos continuam a subir como foguetes...

Caro... Tudo caro...

Não sei onde se irá parar com tamanha *caridade* da vida!

Sai todo contente.

A *caridade* da vida!

Voilà le sujet!

PIR AMBULA.

Posta-restante

Laranja-Verde-Limão (Guimarães)—
P'ra cá vens de carrinho!...

Então um beijo da tua borboleta Laranja-Verde Limão?!

Tadinho...

E' na verdade uma carta muito bombastica!

«Dilecto da minha alma». Ai Jesus!!! Que meiguice!

E a dedicatória final!

«Ao meu verdadeiro amante

Ex.^{mo} Snr. Antonio Gonçalves Viana

Dig.^{mo} Academico em

Guimarães».

Até parece impossivel! mas é verdade!

Então o amigo queria deitar *figura* nas columnas deste quinzenario, fazendo crêr aos nossos estimados leitores que a tal cartinha era d'uma *mademoiselle*, que o *catrapiscava*?

Pae Paulino... tem olho.

Se ao menos se lembrasse de modificar a letra... talvez fossem levados no embrulho. Naturalmente foi esquecimento...

Deixa-te d'isso menino. Já é ser vaidoso! Apre!!!

Na escolha do pseudonimo para a tal furjada carta é que o amigo foi um pouco infeliz. Já é muito batido.

Essa carta podia antes terminar assim:

«Um beijo da tua borleta

Cabaça.»

Este estava mais a proposito, porque... adeante.

Sepulveda (Viana) — O seu artiguinho ainda d'esta vez não pôde sair á luz da publicidade.

Tenha paciencia, mas o original é tanto que nos obriga a estas contrariedades.

Joannes d'Anjos — Então amiguinho, quando se resolve a abandonar esse profundo silencio, para rabis-car duas tretas que venham, como sempre, espalhar tristezas aos nossos amaveis leitores?

Diga-nos, sobre aquê celebre quadro, não sabe mais nada?

Ficamos esperando...

Novais Teixeira (Porto) — Então?!...

Quando o amigo despertar d'essa horrenda apátia, é favor continuar com a sua promessa.

J. Barreira (Guimarães) — Quando quizer, as nossas columnas estão ás suas ordens...

Malsoraje (Guimarães) — O amigo tem toda a razão, mas que lhe havemos de fazer?

Sempre a maldita falta de espaço...

A. Ferra (Guimarães) — A poesia «O NATAL» de Augusto Gil, que se dignou enviar-nos para este numero, teve, com grande pesar nosso, de recolher a Penates. Quando chegou já era tarde... e Ignez era morta.

Por esta secção, poderá vêr o que teve de seguir o mesmo rumo.

Vallerto (Murça) — Os seus versos já estão compostos mas á ultima hora, tiveram de ser retirados.

No proximo numero serão publicados.

Ainda o sempre o relógio da Basilica

Como noticiamos, começa no proximo dia 1 de Janeiro a subscripção para a compra do relógio que vae ser colocado na torre da igreja de S. Pedro,

Padre Antonio Augusto Monteiro 100000 reis.

Para principiar já é bem bonita quantia.

De que é que as senhoras gostam mais? Do aprumo, da elegancia e do bom gosto, e que o seu galanteador vista de preferencia no "Tailleur da Avenida".

Azevedo — Tailleur da Avenida — GUIMARÃES

EM FOCO



E' Maria e é de Jesus...

Seu rosto de linhas impecáveis, torna-se insinuante e sympathico...

Cabellos loiros, d'um loiro arrebatador...

Simple de costumes, é d'uma modestia inexplicavel, demasiada...

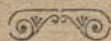
Encantamento dos paes, Ella é tambem a estima de quantos tiveram um dia a dita de a conhecer.

Habita por cima d'uma elegante livraria desta cidade; e é talvez porisso que Ella é intelligente e culta, d'uma intelligencia e d'uma cultura modesta e ignorada.

E foi talvez devido a essa illustração que eu a arranquei hoje ao esquecimento e ao abandono d'um lindo solitario de chrystall onde jazem as mais formosas flores d'esta terra querida—!

Porque, mais do que a propria formosura fascinante, eu aprecio e louvo as scintillações d'um cerebro illustrado, a simplicidade d'um porte irreprehensivel... e a doçura melodiosa do seu nome divino, onde encontro a pureza d'uma Virgem que foi a Suprema-Mãe e a bondade d'um Justo que é e será sempre o Pae de todos nós...

MEPHISTOPHLES



Quem te viu e quem te vê, aqui, todo janota, enfarpelado decentemente a academico, com as fitinhas verdes no hombro, tremulando ao vento, bem encolarinhado e penteado, ha de por certo julgar que frequentas actualmentemente um curso superior, e que, dentro em pouco tempo, Guimarães terá a mais um illustre advogado, um intelligente medico, um instruido mestre. Puro engano!

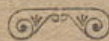
Quem te viu outr'ora, com livros de baixo do braco, entrando apressadamente pela porta do liceu onde assistias ás diferentes aulas com assiduidade; quem te viu entusiasmado nas Festas Nicolinas rufando uma caixa estrondosamente, e distribuindo maçasinhas com todo o cuidado e carinho, ás gentis damas de Guimarães; quem te viu pisar o palco com uma certa habilidade nas recitas do 1.º de Dezembro e nos suraus dedicados ao sr. José Pina, nos dias do seu anniversario; quem te viu e quem te vê, aqui, na «Sentinela», considerar-te ha dentro de alguns anos um doutor, um bacharel como toda a gente formada. Mas quem te viu e quem te vê, sem capa e batina, sem gorro e as fitinhas verdes a dar... a dar... trajando como qualquer cidadão, a escripturar os livros do paisinho, desembaraçadamente, reconhecerá que abandonaste os estudos e te dedicaste á vida commercial

E olha que não fizeste mal. O comercio promete mais, e quem tiver um pouquinho de habilidade como tu, a vida de correr-lhe-ha satisfatoriamente, e escusado será um rapaz audar a queimar as pestanas nos livros, conseguir uma formatura por 2 ou 3 contos, para, mais tarde, sujeitar-se a um emprego,—vê lá tu que miseria! de 5 ou 6 tostões diarios.

Isto é ridiculo, não te parece? De doutores estamos fartos, Antonio! Comercio, muito comercio que é o que dá dinheiro.

Porisso, fizeste bem!

OSCAR DINIZ.



“A Sentinela,, envia aos seus presados colaboradores, leitores e anunciantes o seu cartão de Boas-Festas.

A Redacção.

NOTICIARIO

P'ra amigos... mãos rotas!

Vieram ás consoadas
De regiões muito distantes,
Preclarissimos amigos,
Rasoaveis estudantes!

Chegadas:

Lá da terra dos tripeiros
Chegaram, em boas horas,
Augusto Cunha e Piruças,
E o Chiquinho das Senhoras.

Daquella mesma cidade,
Tambem veio um caixeirinho
Gomes Alves uns lhe chamam,
Chamam-lhe outros o Chilinho.

Da terra das frigideiras,
Das frigideiras bem feitas,
Chegaram o Tonio Pina
E o Joãosinho de Freitas.

E da terra das tricanas,
Dos sonhos e doutorzinhos,
O Marcelino Marcelo,
O Viamonte e Barrinhos.

Partidas:

P'rá cidade de Longuinhos
Partiu com ar's petulantes
O sór regedor do Pico,
Joaquim José Arantes.

Para a vila de Barcelos,
Freguezia de Quirás,
Foi o Manuel Miranda
Que tambem é bom rapaz.

OSCAR DINIS.

P. S.—Pedimos a todos eles
Um favor, um caso raro:
Que não comam muito doce
Que o assucar está caro.

O. D.

GUARDA-CHUVAS E BENGALAS, o melhor sortido

CASA ELEGANTE

CHAPELARIA MARTINS

AVISO

Em virtude da enorme carestia do papel, (maldita guerra!) a redacção de «A Sentinela», resolveu afim de poder continuar na sua trabalhosa empresa, suprimir as capas d'este quinzenario, publicando assim os anuncios nas ultimas paginas.

E como quem tem capa sempre escapa, mas quem não tem escapa tambem, esta redacção espera continuar a dever o favor aos seus estimados assinantes pelo seu importante auxilio.

A Redacção.

Nas trevas dum claro dia

Amigo e apraziado colega Segredo

Se soubesse que o meu amigo possuia um espirito—o eu—tão defendido como as rosas por agudas arestas, creia, não lhe teria dito coisa alguma. Mas, por experiencia, sei que os espinhos só defendem as roseiras dos caracois, de mais nada, e a melindrosidade de outro qualquer atacante já vai precavida para alguma picadela eventual.

Já vê que, apelando o meu amigo para os leitores dizendo que não perceberam nada, eu ficaria numa situação rebaixadamente tacanha se não viesse, como seu leitor tambem, dizer-lhe que percebi que o colega não percebeu coisa alguma do que os leitores perceberam. O amigo não percebeu pelo abespinhamento a que deixou cair o seu genio, logo que pisou os olhos numa Obra de Misericordia. E, como os tempos de hoje não vam para misericordias em obras, mas sim ratificam a expressão—o diabo paga sempre assim quem o serve—vá de desabafar!

E fez-lhe bem!... O desabafo, ainda hoje, o melhor reme d'io

caseiro para os espiritos contraditorios! Não lhe parece?

—Eu cheio de comiserção até ás pontinhas dos cabelos por um fulano, de mais a mais colega, desfeito em lagrimas numa insula (grifado, assim como Paraiso do seu artigo) caio na lamentavel e lamentada esparrela de lhe dizer, em termos que só emprego para pessoas inteligentes:—Amigo, parece-me, pela descripção que fez, que a insula onde tanto chorou e sonhou toda a tarde é a mesma que eu conheci, faz agora precisamente um ano, entre o Ave, na freguezia do Paraiso, logar dos Infernos.

Se é, tenha cautela! E descrevia-lhe o caso verídico (não acreditou?) que me aconteceu para que de sobreaviso procedesse quando outra vez para lá fosse.

Eis o fim que me levou a recordar o passado.

Numa palavra, só para que o meu amigo deixasse de seguir *le chemin des ânes*.

Quod erat demonstrandum—O que já estava pelas palavras que o meu amigo não viu (lendo com tanta atenção como diz) e que são estas.

Mas eu lhe conto para o avisar de que não deve aproximar-se muito desses Parnasos trágicos—

Como curiosidade só esperava a pergunta—porque encontrei ao acordar um rio maior em minha frente (?) para lhe dizer que o electricista da açuda abre as turbinas á tarde sem mandar saber se está alguem a cantar o fado, roer bolota ou a chorar infelidades de amôres entre os amieiros da insula: razão dobrada, quando esteja, para elle as abrir mais depressa, visto ser medicinal um choque de agua fria em certos casos psicologicos e nervopaticos e ter conhecimento de que *stultorum infinitus est numerus*.

Não foi lá onde esteve? Nesse caso bastava somente enviar-me um cartão com os simples dizeres:—Segredo

Agradece reconhecido o

cuidado que teve em o avisar com a corroboração do exemplo trágico citado, mas não foi esse o logar da discrição.

—Deixava logo de estar cá quem falou!...

Está satisfeito?

E os leitores?

Pois eu não o estou ainda. Desculpe-me o colega (não o conheço pessoalmente) se o maguar dizendo-lhe que todo o pavimento sem buracos é tapado. Sabendo isto não mais dirá, lendo uma simples descripção, tão rial como a pena com que estou a escrever, que uso de *sofisma e illusão*. Sofismas em descripções narrativas!!

Vê-se que nunca lhe passou pelas mãos qualquer compendio de filosofia, ou, pelo contrario, de tantas vezes que o leu, entendeu num sentido latissimo essa parte da logica. Ora é precisamente com pessoas, tanto inteligentes como treinadas nestes assuntos que me quero gabar de ter travado relações, o que não poderá obstar a que lhe vá dizendo que a maxima cautela em certas discussões é sempre pouca, para que, complacientemente, o adversario lhe não brade desde já—*errare humanum est*. Adiante.

O caro colega deixou-me uma impressão de puro arrependimento ao ouvir-lhe dizer que lhe chamei *infernos*. Eu? Ao colega? Ao Segredo? Olhe, não me indisponha e chame um garotito da escola que ele lhe analizará essa oração do gato. E... *penitentiam agit*. E' questão que eu não quero debater, porque me prezo de jamais arranjar um inimigo por minhas mãos.

Para terminar, um ponto em que me aperta com furia.—*Desembuchar!*—Quería que eu desembuchasse? Que lhe falasse desembuchando? Não posso! E o meu amigo sabe porquê, filologicamente falando.

Mas fiquemos por aqui, pois confio que foi muito precipitadamente que deu a conhecer o quarto sentido tam estragado.

Mas, em todo caso, não mais pessa a alguém que desembuche...

E lá caio eu em preveni-lo outra vez, sabendo que não gostal já é queda minha, desculpe.

Por fim fico sabendo, segundo a opinião do meu amigo, que as passagens mais tragicas ou sublimes, verdadeiras ou fantasticas das novelas e romances se chamam hoje contos da *carochinha!* Magnifico... *tableau!*

Não faça perder a paciencia a outro.

E... *sans rancune.*

TIRTEU.

Moedas de cobre

Consta-nos, e com certos visos de verdade, que um individuo aqui muito conhecido, tem assambarcado grande quantidade de moedas de cobre, o que muito embaraça o Comercio, que se vê em palpos de aranha para fazer trocos.

E' preciso pôr cobro a tão grande mal.

Como é que sem o cobre poderá uma pessoa comprar *as da ramalhuda*, embora sejam a trez ao pataco?

Como é que sem essas moedas poderemos comer um pastelsinho ali no elegante estabelecimento do Sr. Domingos Vinagreiro?

Impossivel.

Escapava-nos de dizer que o cobre é assambarcado para ser vendido em terras de Hespanha!

Será verdade?!

No caso afirmativo merece o autor ou autores de tal *negocio*, o mais severo correctivo.

Que tratantada e que falta de patriotismo!

Até que ponto chega a ganancia! Arre diabo! Safa!

«A Sentinela» encontra-se á venda, no Kiosque do snr. Torçato Gonçalves, ao Passeio da Independencia.

Mercearia e Confeitaria de ADELINO JOAQUIM NEVES

Rua da República (Feira do Leite)

GUIMARÃES

Completo sortido em artigos de Mercearia e Confeitaria.

Vinhos finos e Liçores.

ALFAIATERIA PROGRESSO DA MODA

—DE—

GASPAR LOPES RIBEIRO

Confecciona pelos últimos figurinos, toda a classe de obra para homens, senhora e crianças, garantindo a elegancia do corte moderno e o seu perfeito acabamento.

93, R. da República, 95

(Antiga R. da Rainha)

onde esteve a casa HIGH-LIFE

GUIMARÃES



ALFAIATERIA RIBEIRO, F.^o

— DE —

Jacinto José Ribeiro

9, Largo da Misericordia, 10

GUIMARÃES

Confecciona pelos ultimos figurinos tanto para homem como para senhora e criança.

Preços sem competencia.

Camisas e gravatas — Casa Elegante

Antiga Chapelaria Martins

A EQUITATIVA

DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mútuos sobre a vida

Seguros Terrestres e Marítimos

Seguros de Vida

Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.307,30

Indemnizações pagas, Esc. 301.205,34

SEDE SOCIAL: *Largo de Camões — Lisboa*

NESTA CIDADE:

O Consoado Antonio Luiz da Silva Dantas

GUIMARÃES

Antonio de Araujo Salgado

Artigos de moda, Fazendas brancas e miudezas. Suspensorios, Gravatas, Meias e Colarinhos. Luvas de algodão, de seda e de pelica para homem e senhora. Ultimos modelos de coletes de espartilhos da fábrica SANTOS MATOS. Chá preto e verde, Vinhos finos da CASA FERREIRINHA.

12, Rua 31 de Janeiro, 24 (Antiga Rua de Santo António)

GUIMARÃES

CASA DUARTE

Fazendas nacionais e estrangeiras. Lanificios, tecidos d'algodão e bonés. Variado sortido de casimiras e outros tecidos para homem, senhora e criança. Zefires, riscados, cotins, panos brancos e crus, atalhados, chales, colchas, cobertores, camisas, gravatas, etc.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Manoel A. Pereira Duarte

RUA 31 DE JANEIRO (antiga de Santo Antonio)

GUIMARÃES

MERCEARIA

—DE—

SILVINO ALVES DE SOUZA

Rua Francisco Aguiar

GUIMARÃES

Neste acreditado estabelecimento encontram-se á venda géneros de primeira qualidade, tais como: assucar, arroz, bacalhau, massas alimenticias, chá, café, manteiga, queijo flamengo e da serra, bolacha, vinhos finos de diversas marcas, etc.

AVA

Antiga guardasolaria

CARVALHO

Executam-se todos os trabalhos

154 — Rua da Republica — 160

GUIMARÃES

Restaurante**Aliança**

R. do Anjo (S. Paio)

Comidas, bons vinhos, quartos, etc.

Bom serviço e preços económicos.

Proprietario:

Manoel Machado.